

# A POESIA DA IMIGRAÇÃO EM SANTA CRUZ DO SUL\*

*Marione Frömming\*\**

\* Este texto é um resumo, com algumas alterações, da Monografia de conclusão do Curso de Letras Português/Inglês orientada pelo Prof. Elenor José Schneider da Universidade de Santa Cruz do Sul.

\*\* Aluna do curso de Especialização em Estudos da Linguagem da Universidade de Santa Cruz do Sul.

Santa Cruz do Sul, uma cidade de colonização essencialmente alemã, é considerada hoje, graças à determinação dos imigrantes em manter viva a sua cultura, uma das mais bem desenvolvidas do interior do Estado. Contudo, faz-se ver um crescente desinteresse por suas origens, principalmente no que se refere à língua alemã.

Em razão disso surgiu o presente trabalho, que tem como objetivo maior resgatar parte do nosso passado cultural.

O passado cultural a que nos referimos aqui são as produções literárias, mais especificamente a poesia, uma vez que nos interessava saber se entre os imigrantes alemães poderíamos encontrar quem se dedicasse a esse gênero. E isso se comprovou com a localização de importantes trabalhos em diversos jornais do final do século XIX e início do século XX.

O trabalho desses nossos poetas, como veremos a seguir, é de valor, porém cidadão nenhum ou muito poucos de nossa geração jamais ouviram qualquer comentário a respeito, o que prova o desconhecimento dessa produção.

Para um melhor entendimento dessas produções consideramos de importância fazer uma apresentação de alguns fatos que marcaram a trajetória do imigrante alemão. Reservamos, portanto, os dois primeiros capítulos para esse fim.

Outro aspecto que gostaríamos de salientar são as traduções. Sabemos que numa tradução o poema perde elementos essenciais à sua estrutura na língua original, tais como rimas, ritmo, musicalidade, sonoridade das palavras e outros. Contudo, consideramo-la de fundamental importância neste texto, pois facilitará a sua compreensão, uma vez que nem todos conhecem a língua alemã, ainda mais quando expressa no alfabeto gótico, como é o caso dos originais a que tivemos acesso.

Como última consideração introdutória queremos destacar mais uma vez que esta pesquisa pretende fazer não uma análise do grau de literariedade dos poemas, mas, acima de tudo, divulgar a sua existência.

## 1 Os alemães no Brasil

### 1.1 A imigração de fato

O Brasil dos tempos de colônia possuía uma vasta extensão

de terras desabitadas, o que fez surgir a necessidade de trazer outros povos para ocuparem essas áreas. Partindo desse fato, o Imperador, D. Pedro I, teve a idéia de atrair imigrantes para cá. A opção pelos germânicos deu-se em virtude do seu casamento com Dona Leopoldina, da Áustria, pois sendo eles conterrâneos da Imperatriz, o intercâmbio com a Europa se tornaria mais fácil. Essa afirmação podemos comprovar pelas palavras de Hardi Martin:

“Em 1817 houve o casamento de Dna. Leopoldina, da Áustria, com o Príncipe D. Pedro. Se até este momento a influência alemã foi pautada em personagens, individualmente quase, a partir daí teve espetacular desenvolvimento a vinda de imigrantes, principalmente de agricultores, havendo a partida para o trabalho em conjunto de toda uma plêiade de artífices”. (Martin, 1979, p. 17)

Contudo, imigração não significava simplesmente abrir os portos e deixar entrar em nosso país todos aqueles que quisessem. A idéia de atrair outro povo para cá exigiu que fosse feito um recrutamento, pois nem todo cidadão tinha o direito de deixar a sua pátria.

A tarefa do recrutamento de imigrantes alemães coube ao Major Anton Schäffer, homem da confiança pessoal do Imperador. E a forma de atraí-los foi “oferecendo condições extremamente favoráveis, desde terras com documento de propriedade, ferramentas, sementes, auxílio em dinheiro e financiamento para os primeiros tempos, até naturalização imediata e liberdade de culto...”<sup>1</sup> Promessas que, ao longo da história, jamais foram cumpridas.

Os primeiros núcleos de colonização européia datam de 1812 e foram encaminhados à região montanhosa do litoral médio brasileiro - Espírito Santo, Bahia e Rio de Janeiro - onde fundaram suas colônias. Em 1818 a colônia Leopoldina, na Bahia; em 1822 a colônia de São Jorge dos Ilhéus, no mesmo Estado; e em 1823 chegaram imigrantes alemães à colônia de Nova Friburgo que fora fundada em 1818.

Se a imigração em si não trouxe maiores problemas, estes

<sup>1</sup> SCHREINER, Renate. *Entre ficção e realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado, Santa Cruz do Sul: FATES, UNISC, 1996. p. 27.

começaram a surgir quando se percebeu que nem o clima, nem os solos dos sítios até então escolhidos favoreciam a colonização com elementos germânicos, de maneira que, a maior parte dos núcleos fundados não correspondia às esperanças neles depositadas. Foi em virtude disso que D. Pedro I encaminhou esse povo para o extremo sul do país, uma vez que o Rio Grande do Sul, afora um clima mais familiar aos europeus, era então uma província desabitada e inaproveitada, na sua maior parte silvestre, sujeita às incertezas de terra de fronteira confinante com situação política mal firmada na região do Prata; e forneceria uma base segura de abastecimento para as tropas que protegiam a fronteira do extremo sul.<sup>2</sup>

### 1.2 Os primeiros imigrantes no Rio Grande do Sul

Historicamente, a chegada dos primeiros colonizadores ao Rio Grande do Sul deu-se em 24 de julho de 1824 e seu destino foi a cidade de São Leopoldo, por isso conhecida como o “berço da imigração alemã no Rio Grande do Sul”.<sup>3</sup>

Vinte e cinco anos depois de os primeiros imigrantes chegarem ao nosso Estado, surgia a Colônia de Santa Cruz, constituída em 02 de dezembro de 1849, em terras do município de Rio Pardo. E “segundo os historiadores, o motivo principal para a sua criação teria sido o desejo da Câmara de Rio Pardo de estabelecer uma comunicação para os *Campos de Cima da Serra*, por intermédio de uma estrada ou picada, a qual foi aberta pelo engenheiro Vasconcellos, que ficou também na responsabilidade de demarcar os lotes de terras destinados aos futuros colonizadores”.<sup>4</sup>

### 1.3 A colônia de Santa Cruz

A data que marcou a chegada dos colonos alemães ao nosso município foi 19 de dezembro de 1849 e, assim como os pioneiros no Estado, também eles foram vítimas de grandes dificuldades, especialmente a distância que os separava de Rio Pardo, local mais próximo para a aquisição de mantimentos. Segundo consta no livro do Centenário de Santa Cruz, “os colonos eram obrigados a pagar altos preços pelos gêneros de primeira necessidade e (...) essa situação obrigava-os a pouparem na alimentação, havendo fome entre eles”.<sup>5</sup>

Em virtude desse fato a colaboração mútua passou a ser o alicerce para a sobrevivência deles em meio ao desconhecido, pois “de longe e de fora nada podiam esperar”.<sup>6</sup>

Contudo essa união, ou melhor, esse processo de colonização particular não só na colônia de Santa Cruz, mas em todo o Estado ocasionou “o surgimento do temor, da parte do governo e da população autóctone, de que no Rio Grande do Sul se originasse uma pequena Alemanha”.<sup>7</sup>

Esse temor teve sua origem no fato de o modelo de colonização dos imigrantes ser diferente do oficial, não havendo benefícios nem administração, permitindo-lhes desenvolverem “comunidades independentes que precisaram organizar-se internamente tanto a nível político como a social”<sup>8</sup>, o que gerou muita hostilidade por parte dos luso-brasileiros.

## 2 As bases culturais do imigrante alemão

Os imigrantes alemães eram “herdeiros de um rico e vasto arsenal de tradições culturais, sociais, políticas, econômicas, artísticas e religiosas, arduamente elaboradas, durante séculos”.<sup>9</sup> Porém, como já dito anteriormente, a vida nas colônias durante as primeiras décadas não foi nada fácil, houve a necessidade de reestruturá-la a fim de se adaptarem ao novo mundo cujo ambiente era o oposto daquele onde viviam e nada ou muito pouco favorável às atuações culturais.

Mas, apesar de todas as dificuldades, suas origens jamais caíram no esquecimento. Idéia reforçada pelas palavras do Pe. Arthur Rambo:

“Cônscios, desde a primeira hora, da ambientação desfavorável para não dizer hostil, e decididos a não abrirem mão do passado cultural e religioso, as comunidades puseram mãos à obra, antes que fosse tarde. Muniram-se de todos os recursos disponíveis para prevenirem a ameaça de uma ruptura cultural iminente” (Rambo, 1994, p. 14).

<sup>6</sup> MARTIN, Hardi Elmiro. op. cit., p.25.

<sup>7</sup> SCHREINER, Renate. op. cit., p.36.

<sup>8</sup> RADÚNZ, Roberto. *Do poder de Deus depende*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1996. p.46.

<sup>9</sup> RAMBO, Arthur Blásio. op. cit., p.9.

<sup>1</sup> RAMBO, Balduino, Pe. *A imigração alemã no Rio Grande do Sul: 1824-1914*. - [S. l. : s. n. ], 19—, p. 79.

<sup>2</sup> MARTIN, Hardi Elmiro. *Santa Cruz do Sul: de colônia à freguesia 1849 - 1859*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979. p.17.

<sup>3</sup> Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul. *Centenário de Santa Cruz do Sul: 1878-1978*. Porto Alegre: Ed. Edel, s.d. p.9.

<sup>4</sup> Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul. op. cit., p.19.

Hilda Flores (1983) afirma que, para conservarem a bagagem cultural trazida de tão longe, os alemães adotaram três medidas básicas: escolarização para seus filhos, atendimento religioso e busca de vida associativa. Faremos, portanto, uma rápida apresentação de cada uma dessas medidas.<sup>10</sup>

## 2.1 A escolarização

Os colonos alemães, desde a sua chegada a nosso país, clamaram por escolas. Para eles a escola tinha um valor sagrado, representava uma instituição indispensável, pois, além de conter todos os seus valores culturais, somente através dela estes teriam continuidade.

Todavia, o isolamento a que foram reduzidos, aliado à falta de interesse ou talvez incapacidade do governo, segundo Carlos Moraes (1981), dificultaram deveras o processo de alfabetização dos seus descendentes, levando-os, mais uma vez, a traçarem o rumo do próprio destino.<sup>11</sup>

Como nas primeiras décadas da imigração não havia as mínimas condições de estruturarem uma rede escolar primorosa, bem equipada e servida de professores com um nível desejável, passaram a surgir, em todos os núcleos coloniais, escolas rudimentares, atendidas por aqueles que entre eles fossem os mais letrados.

E para piorar ainda mais a situação, não havia entre eles número suficiente de professores que dominassem o idioma brasileiro. Desta forma, sem poderem contar com o apoio do governo, não restou aos colonos outra alternativa que não fosse ministrarem as aulas totalmente em Língua Alemã, atitude que em nada agradou à população luso-brasileira, motivando, inúmeras vezes, acusações de falta de amor pátrio e traição, especialmente na época das duas grandes guerras.

A intolerância dos governantes brasileiros é uma página até hoje de difícil compreensão, pois “se um grupo de imigrantes chega a uma terra distante e desconhecida e ali fica esquecido e abandonado durante longos decênios, é de se admirar ou de condenar que aquelas pessoas tenham conservado sua língua, os seus costumes e tradições?”<sup>12</sup>

Mas, como todo esforço é sempre válido, também os obstáculos que nossos antepassados enfrentaram tiveram a sua

<sup>10</sup> FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Cantação dos imigrantes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia/Universidade de Caxias do Sul, 1983. p.256.

<sup>11</sup> MORAES, Carlos de Souza. *O colono alemão*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. p.100.

<sup>12</sup> ROTERMUND, Fritz. *25 de julho de 1824*. Trad. e compl. por Bruno Born. São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de julho, 1964. p.13.

recompensa. Quem nos dirá melhor isso é Arthur Rambo na seguinte passagem:

“Essas escolas tiveram grande êxito e produziram frutos apreciáveis, não apenas na preservação da integridade sócio-cultural e religiosa, como também no afã de integrarem psicológica e emocionalmente o imigrante na comunidade nacional. A razão foi muito simples: brotaram das raízes sócio-culturais de seus idealizadores e se ajustaram às suas exigências e se alimentaram da sua dinâmica. Não se originaram de modelos e categorias teórico-abstratas, engendradas numa situação de flagrante divórcio com as reais necessidades, aspirações e valores de uma comunidade. Representaram o manancial vitalizador da via social, política e religiosa e não um corpo estranho, um elemento postiço, indesejado e espúrio, imposto por especialistas e burocratas alienados da realidade concreta” (Rambo, 1994, p. 15).

Mais uma vez se faz reforçada a idéia de que o clamor pelas escolas não era por motivos étnicos; muito pelo contrário, era uma forma de os imigrantes se integrarem à vida nacional.

## 2.2 O atendimento religioso

A religiosidade era fator determinante na vida dos colonos alemães, pois estando eles numa terra desconhecida, sujeitos a toda e qualquer espécie de dificuldade, somente através de uma fé muito grande em Deus poderiam encontrar forças para seguir em frente.

Mas havia, tanto por parte das igrejas da nova pátria como do Estado, pouca preocupação com a religiosidade e o destino espiritual dos homens. Segundo Radünz, para os luso-brasileiros a religiosidade podia ser definida como folclórica, vinculada ao cotidiano.<sup>13</sup>

Em função dessa despreocupação, o colono outra vez sentiu-se impelido a tomar uma atitude, posto que “a organização

<sup>13</sup> RADÜNZ, Roberto. *op. cit.*, p. 26.

espiritual já fazia parte do seu grupo, sendo apenas retomada e reforçada".<sup>14</sup>

A religião oficial do Brasil era a católica, contudo a maioria dos imigrantes alemães eram evangélicos, fato que lhes causou diversos problemas. A invalidade oficial de seus casamentos foi o mais grave. Essa situação mudou apenas em 1889, com a Proclamação da República, quando houve a separação definitiva entre Estado e religião e o estabelecimento de registros civis.<sup>15</sup>

Além disso, havia ainda a dificuldade da língua alemã, uma vez que os cultos eram todos proferidos nesse idioma, o que não agradava muito à população luso-brasileira.

O fato agravou-se ainda mais por ocasião da segunda Guerra Mundial, "quando foram proibidas todas as prédicas que não fossem na língua nacional".<sup>16</sup> Mas os germânicos não se intimidaram. Como a proibição dizia respeito somente à predica, retomaram as atividades religiosas com liturgia e canto, fazendo crescer consideravelmente a repressão contra eles.

### 2.3 A vida associativa

O elemento germânico contribuiu em muito para o enriquecimento cultural do nosso povo. Suas tradições até hoje se fazem presentes em nosso meio, em especial graças ao seu espírito associativo, que levou à fundação de diversas sociedades.

Mas a fundação de sociedades — *Vereine* — deu-se, não apenas para o cultivo de suas tradições, mas também para amenizar os sofrimentos e amarguras impostos pela adaptação ao novo mundo. Foi uma forma que este povo encontrou de se integrar à cultura da nova pátria.

Quem nos dirá melhor isso é Carlos Fouquet na seguinte citação:

"Não é propriamente de solidão que se queixam muitos deles, em seus relatos, mas sim de falta de amparo. O que eles e seus filhos buscavam era aquele auxílio que as autoridades não lhes podiam proporcionar. Encontraram-no em seu vizinho. E suas sociedades se tornaram órgãos de auxílio mútuo, democráticos e acalentadores

<sup>14</sup> RADÜNZ, Roberto. op. cit., p. 71.

<sup>15</sup> SCHREINER, Renate. op. cit., p. 37.

<sup>16</sup> SCHREINER, Renate. op. cit., p. 36.

de esperança no futuro, ajudando os novatos e sua prole a se ambientarem na formação, fornecendo-lhes orientação para que mais rapidamente se adaptassem ao novo modo de viver" (Fouquet, 1974, p. 156).

Em razão do progresso, hoje muitos hábitos e costumes trazidos pelos imigrantes estão se perdendo, as sociedades já não possuem mais o mesmo encanto de outros tempos, as canções que lembravam a pátria distante foram esquecidas, e até mesmo o sentimento religioso, que outrora foi determinante na vida desse povo, já não possui a mesma intensidade. Em virtude desse esquecimento, ou até desinteresse pelos fatos passados é que nasceu o presente trabalho. É evidente que não queremos voltar ao passado, mas trazer um pouco dele à nossa realidade, pois como diz o velho clichê: um povo sem passado é um povo sem cultura.

### 3 A literatura da imigração em Santa Cruz do Sul

Para falar da literatura da imigração, é indispensável fazer alguns comentários sobre a imprensa, pois ela foi o veículo divulgador da maioria dos poemas produzidos na época em destaque na nossa pesquisa. A imprensa a que nos referimos são principalmente os jornais.

No Rio Grande do Sul, ela vem acompanhando, passo a passo, a vida política, social e econômica do Estado, registrando todos os fatos que marcaram época, desde o ano de 1827.

O primeiro jornal alemão impresso no Brasil foi o *Der Colonist*, fundado em 02 de agosto de 1852, na cidade de Porto Alegre. Era de propriedade do tenente-coronel Afonso Mabilde e impresso nas oficinas do *Mercantil*. Depois surgiu *Der Deutsche Einwanderer*, iniciado em 17 de março de 1853, no Rio de Janeiro, mas no mesmo ano transferido também para Porto Alegre. E ainda o *Der Deutsche Beobachter*, publicado no Rio de Janeiro, em 16 de abril de 1853.

*Der Bate* foi o primeiro periódico de São Leopoldo, publicado no ano de 1867. Tivemos ainda o *Deutsche Volksblatt*, fundado em 1871, e o *Deutsch Post*, de 1880.

Em Santa Cruz do Sul o primeiro jornal a surgir foi o *Kolonie*,

no ano de 1891, seguido do *Fortschritt*, fundado em 1902.

Segundo Sérgio Dillenburg (1987), era a política que ocupava o maior espaço das páginas dos periódicos de então, ficando os demais assuntos, como literatura e problemas comunitários, relegados a um plano secundário. Quanto aos jornalistas daquela época, ele afirma que, na opinião de muitos leitores, não passavam de políticos aproveitadores ou incorrigíveis boêmios que, paralelamente ao seu trabalho normal, davam algumas horas para a elaboração do jornal.

Conforme já visto nos capítulos anteriores e também a partir das datas de fundação dos jornais acima mencionados, podemos constatar que há um grande período na história da imigração em que não houve espaço para trabalhos escritos, menos ainda para a poesia, pois foi uma época marcada pelo trabalho de cultivar as novas terras, pela adaptação ao novo meio, pela construção de um lar e, sobretudo, pela preservação da vida.

Na Colônia de Santa Cruz, os primeiros trabalhos literários surgiram em finais da década de 80 (séc. XIX). Contudo, essas produções não foram de imigrantes vindos nas primeiras levas, nem de seus descendentes, mas de intelectuais já amadurecidos que vieram para cá mais tarde.

Segundo pesquisa realizada no Arquivo Histórico de Santa Cruz, a nossa colônia teve a honra de abrigar quatro desses notáveis homens. Todavia, a hipótese de haver outros nomes além dos que aqui apresentaremos não está descartada, uma vez que nosso trabalho não tem por objetivo apresentar todas as produções literárias da época.

Os poetas que destacaremos são Wilhelm Süffert, Franz Sauer, Otto Mayer e Gustav Natorp, todos alemães que emigraram para a região de Santa Cruz do Sul.

### 3.1 Wilhelm Süffert

Wilhelm Süffert nasceu em 10 de janeiro de 1857, em Friedberg, região de Weterau, Grão-Ducado de Hesse. Após a morte do pai, o arquiteto regional Theodor Süffert, mudou-se para Darmstadt com a mãe e os irmãos.

Chegou ao Brasil no ano de 1880, mas desembarcou em Porto Alegre somente em janeiro de 1881, seguindo imediatamente

para Santa Cruz, onde ficou até 1883.

Pastor evangélico, em 07 de abril de 1883 foi nomeado por D. Pedro II, para atuar na cidade de São Leopoldo. Lá casou-se com Caroline Louise Hemb em 27 de junho de 1887 e após seu falecimento, uniu-se com a cunhada Augusta Hemb. Permaneceu em São Leopoldo até 1894, de onde seguiu para Vila Tereza, atual município de Vera Cruz, sendo depois convidado a mudar-se para Santa Cruz do Sul.

Em Santa Cruz, além de atuar como diretor do Colégio Sinodal da cidade, dedicou-se também ao jornalismo, área em que atuou desde dezembro de 1895. Em 1905, com a transferência da administração do Colégio para o Sínodo Riograndense, abandonou o pastorado evangélico.

Wilhelm Süffert, cidadão dinâmico, poeta de recursos e muita inspiração, envolveu-se também na política, fato que lhe rendeu, quando Santa Cruz foi elevada à categoria de cidade, a nomeação para o cargo de secretário da então Intendência Municipal, função que ocupou até 1914, quando passou a agente postal da cidade.

Em 1917 deixou o emprego, fixando a partir daí residência em Porto Alegre, onde assumiu a função de redator do *Neue Deutsche Zeitung*, jornal em que trabalhou até a sua extinção.

Faleceu em Porto Alegre, no dia 09 de maio de 1942.

Süffert ou *Homo*, pseudônimo que usava em seus textos, produziu uma infinidade de poesias avulsas que na sua grande maioria foram publicadas nos jornais da época. Destacamos alguns como *Der Deutsche Tag* (1924), uma homenagem aos antepassados alemães, *Hans e Hugo* (1904), uma série de textos, publicados periodicamente no jornal *Fortschritt*, que revelam o lado humorístico e satírico do autor, também *Böse Buben* (1924), outra produção de cunho humorístico, e *Zum 15. November* (1902), uma manifestação patriótica. Desses, apresentaremos apenas os dois últimos, que acreditamos representem bem a sua produção literária: um mostra o lado patriota do autor; o outro, o lado bem humorado.

O espírito verdadeiramente nacional do poeta fez com que suas poesias fossem dedicadas especialmente à celebração das grandes datas nacionais e para comprovar essa afirmação temos *Zum 15. November*, trabalho publicado em 19 de novembro de 1922,

na primeira edição do *Jornal Fortschritt*, um jornal de cunho republicano do qual Süffert, além de ter participado como fundador, foi também colaborador assíduo.

O poema faz referência à Proclamação da República no Brasil e foi produzido num tom bastante crítico, uma das marcas do autor, apresentando ao mesmo tempo um grande respeito e consideração pela nova Pátria, o Brasil.

#### Zum 15. November.

Grad' heute war es, heut vor dreizehn Lenzen,  
Ein Tag wie and're und doch wieder nicht,  
Da stand ein Tron in dieses Landes Grenzen,  
Und eine Krone strahlte hell und licht.  
Doch eh' erglänzt des Abendsternes Schimmer,  
Eh' hinsank dieser Tag, der Zeiten Raub,  
Da brach' der stolze Kaisertron in Trümmer  
Und Kron und Scepter rollten in den Staub.

Und er, der noch getragen sie am Morgen.  
Der früh noch sass auf dem gebortsternen Tron  
Der Herrscher, stark im Wissen und im Forschen,  
Doch schwach als Leiter einer Nation.  
Er sah zum letztenmale da die Küste  
Des Landes, dem der Freiheit Stunde schlug,  
Indess das Schiff mit ihm die Meereswüste  
Durchpflügte, das nach Portugal ihn trug.

Denn wie vor hundert Jahren einst der Franke  
In Blut das faule Königtum erstickt.  
So brach auch hier der Freiheit Lichtgedanke  
Die ketten, die zu lange schon gedrückt.  
Doch nicht geboren ward aus Blut und Grauen  
Wie dort, was uns' res Volkes Sehnsucht war,  
Nein! Rein und fleckenlos war da zu schauen  
Der Freiheit Bild auf leuchtendem Altar.

Und die zu hüten, die zu schirmen stehen  
Auch heute wir, geeint in Freud und Leid,  
Und wo Brasiliens lichte Banner wehen,  
Da sind wir eins! Da schweigen Zank und Streit!  
Drum wollen wir die Bruderhand uns reichen,

Wie es der Rütli einst for Zeiten sah,  
Und lasst den hehren Ruf zum Himmel steigen,  
Den Freiheitsruf: "Viva República"!

Homo.

#### Para o 15 de Novembro

Foi exatamente hoje, hoje há treze primaveras,  
Um dia como outro, mas na realidade não,  
Havia ali nas fronteiras dessas terras um trono,  
E uma coroa brilhava clara e reluzente.  
Porém, antes que a reluzente Vênus brilhasse,  
Antes que terminasse esse dia, o roubo dos tempos,  
O trono do altivo Imperador quebrou ruiu  
E coroa e cetro rolaram na poeira.

E ele, que ainda os usou de manhã,  
Que cedo ainda sentou em seu trono  
O soberano, forte no saber e nas pesquisas,  
Mas fraco como líder de uma nação.  
E lá viu pela última vez a costa do País,  
Cuja hora da liberdade soou,  
Enquanto o navio, no qual ele se encontrava,  
Singrava o mar levando-o a Portugal.

Então, como há cem anos os Francos,  
Em sangue, o podre imperialismo sufocou.  
Assim, também aqui, a liberdade de pensamento  
Quebrou as correntes, estas que já oprimiram demais.  
Não nascemos do sangue e do medo  
Como lá, onde fora a saudade do nosso povo  
Não! Limpa e sem manchas estava à vista  
A liberdade figurando num altar iluminado.

E para os proteger e preservar  
Também nós hoje, unidos na alegria e na dor,  
E, onde bandeiras brasileiras tremularem,  
Lá seremos um! Lá calam brigas e discussões!  
Portanto, enlaçemos as mãos do irmão,  
Assim como Rütli viu há tempos,  
E deixa então a voz heróica soar ao céu,  
O grito da liberdade: "Viva República!"

O outro destaque é para o poema *Böse Buben*, uma história extremamente engraçada de um pai e três filhos muito malandros. O texto é marcado por expressões de humor e pela linguagem coloquial, do dia-a-dia da época.

### Böse Buben

Ein Vater hatt' der Buben drei,  
Drei richt' ge galgenstrick;  
Die waren überal dabei  
Bei jedem bösen Stück.

Ein neuer Rock, die neue Hos',  
Das ging nicht lange hin;  
Es dauert wen'ge Stunden blob,  
Da waren Löcher drin.

Die Rute hatte keine Kraft,  
Noch der Ermahnung Wort.  
Der Geist, der stets das Böse schafft,  
Gedich gar fröhlich fort.

Als nun, zerrissen und zerfebt,  
Sie wieder mal nach Haus  
Gekommen waren, riefte entsebt  
Der gute Vater aus:

"Jetzt ist's genug, pob Paraplü!  
Jetzt ist die Sach' am End'!  
Jetzt kriegt ihr aber Hosen, die  
Ihr nicht zerreiben könnt!"

Und nimmt zum Nackbar Sattler mit  
Die Buben, sehr ergrimmt,  
Der dann den Dreien Mab und Schnitt  
Zu Lederhosen nimmt.

Doch wie die Hosen fertig dann,  
Da ruft er sie herbei  
Und spricht: "Die Hosen zieht ihr an!  
Die reibt ihr nicht entzwei!"

Zwar heulenden und mit Unlust gar

Gehorchen sie darauf,  
Dann aber nimmt die tolle Schar  
Zum Garten ihren Lauf.

Und kaum, dab eine halbe Stund'  
Mocht' hingegangen sein,  
Da stellte sich der Bruderbund  
Beim Alten wieder ein.

Und jeder hebt den Hintersitz  
Vorm Vater lachend hoch,  
In jeder Hose da, pob Blitz!  
Da war ein grobes Loch.

Da auf den Tisch der Alte schlägt  
Die Faust, dab es gekracht,  
Indem er, starr vor Schrecken, frägt:  
"Wie hannt ehr des gemacht?"

Der Aelt'ste aber spricht voll Trob,  
Indem er so gesteht:  
"Der Een' hot uf'm Schleifstein g'sob,  
Und zwee, die hann'n gedreht!"

### Meninos Malandros

Um pai tinha três meninos,  
Três daqueles bem malandros;  
Em tudo eles estavam  
Em cada malandragem.

Um casaco novo, uma calça nova,  
Muito pouco duravam;  
Apenas algumas horas,  
E já estavam esburacados.

A vara já não tinha mais força,  
Nem advertência fazia efeito.  
O espírito da malandragem,  
Continuava progredindo alegremente.

Mas quando, rasgados e esfarrapados,



Mais uma vez para casa  
 Tinham voltado, desesperadamente  
 O bom pai gritou:

“Agora chega, caramba!  
 Agora minha paciência acabou!  
 Agora vocês passarão a usar calças, que  
 Não conseguirão rasgar!”

E leva os meninos, muito revoltados,  
 Até o vizinho seleiro,  
 Que tira suas medidas para  
 Calças de couro costurar.

E quando as calças estavam prontas,  
 Chamou-os para perto  
 E falou: “Vistam as calças!  
 Estas vocês não partirão!”

Apesar de muito choro e pouca vontade,  
 Aceitaram a ordem do pai,  
 E em seguida o bando danado  
 Correu em direção ao jardim.

E nem meia hora  
 Havia passado,  
 Os meninos se postavam  
 Diante do pai.

E cada um levanta o traseiro,  
 Diante do pai às gargalhadas,  
 Em cada calça, a surpresa!  
 Havia um grande buraco.

Então sobre a mesa o velho bate  
 os punhos cerrados, fazendo-a estremecer,  
 E, fitando-os estarecido, pergunta:  
 “Como vocês fizeram isto?”

O mais velho responde cuidadoso,  
 Enquanto confessava:  
 Um sentava em cima do rebolo,  
 E os outros dois tocavam!”

### 3.2 Franz Sauer

Franz Sauer, outro grande talento literário de nossa região, nasceu em 28 de novembro de 1868, próximo a Greiswald, Vorpommern, norte da Alemanha.

A data de sua vinda ao Brasil é desconhecida, mas fatos comprovam que logo após a sua chegada em nosso país dirigiu-se para Vila Tereza, hoje município de Vera Cruz, no qual atuou como professor da Escola Evangélica. Mais tarde mudou-se para Ferraz, interior do mesmo município, onde, também atuando como professor, permaneceu até o final de sua vida.

O poeta foi casado com Amália Sauer com quem teve dois filhos e faleceu em 10 de setembro de 1922, no Hospital de Vila Tereza.

Comentários revelam que Sauer foi autor de uma vasta produção literária, mas infelizmente localizamos apenas dois de seus trabalhos.

O primeiro a que tivemos acesso é *Wo Deutschland liegt* (1915), poema que além de conter uma referência carinhosa à terra natal, faz uma homenagem aos imigrantes vindos de todas as partes da Alemanha pelo trabalho que realizaram em sua nova Pátria.

#### *Wo Deutschland liegt*

Nun schau, mein Sohn, schau weit hinaus,  
 Dort, wo die Sonn' vor Mittag steht;  
 Dort irgendwo im Pommerland,  
 Wo weib die See an Dünen geht,  
 Und irgendwo am Moselstrand;  
 An Drau und Sau und Alpenwand:  
 Steht deiner Väter Vaterhaus,  
 Liegt unser aller Mutterhaus,  
 Liegt D e u t s c h l a n d !  
 Mein Sohn, dort wohnt ein Herrenvolk,  
 Das schickte Erstgeborene her”””  
 Hei wie der Edelsame fällt  
 Weit über Land und über Meer!  
 Der schuf, in jedem Arm ein Held,  
 Das Neuland um zur Neuen Welt,  
 Zum Goldquell Wildnis, Bruch und Roll:  
 Mein Sohn, so schuf das Heldenvolk,

Neudeutschland!  
 Das taten wir, vom Stamm getrennt;  
 Der blieb noch stark der ganzen Welt,  
 Blieb stark und eisenhart wie stets,  
 Dran schnöder Mibgunst Axt zerschellt!  
 Nicht Hab und Gier — ein Schelm verred's! —  
 Um Sonne, Mond und Sterne geht's  
 Um alles, was im Herten brennt,  
 Um, was die deutsche Seele kent:  
 Alld e u t s c h l a n d !  
 Wie Schwertgeklirr und Wogenprall —  
 Deutsch ist ein Wort voll Mark und Klang;  
 Deutsch pflügt so tief, Deutsch trifft so stark  
 Und singt im Herzen wie Gesang!  
 Der Besten mancher sich zerwarf,  
 Dab er kein Deutschen heiben darf. . .  
 Wo immer deutsche Sprache schall',  
 Mein Sohn, hier, dort und überall  
 Ist D e u t s c h l a n d !  
 Mit schirmt uns deutscher Brüder Arm,  
 Mit birgt uns deutscher Leiber Burg:  
 Umringt von Würgern, schiech und scheel,  
 Sie brachen durch, sie halten durch,  
 Sie packen an; aus heis'rer Rehl'  
 Berröchelt manches Schächers Seel . . .  
 Wo immer sauk der Schergen Schwarm,  
 Ragt, hertzblutriefelnd, jung und warm,  
 A l t d e u s c h l a n d !  
 Hei, wie dein Auge leuchtend spricht!  
 Wie deine Wangen heib erglühn!  
 Dein rasches Blut die Adern strafft!  
 Dein Arm sich reckt so deutsch und kühn!  
 In deiner Jugend jungen Kraft,  
 Die einer Welt die Welt erschafft,  
 Die, deren Tor kein Ansturm bricht;  
 Mein Sohn, in deiner Augen Licht:  
 J u n g d e u s c h l a n d !  
 Wenn dann das Heimweh jäh erwacht,  
 Das Seelenheimweh, dran wir krank,  
 Die Schickalsstunde bröhnend schlägt:  
 Dann all dem Schwarm Habedank,  
 Das uns zermürbt, zerteilt, zersägt!  
 Dann Spreu vom Weizen risch gewägt!

Dann all dem Halben Gutenacht!  
 Ein Ruf, ein Schrei: Es ist vollbracht —  
 Hier D e u s c h l a n d !

Franz Sauer

### Onde fica a Alemanha

Agora olhe, meu filho, olhe bem ao longe,  
 Lá onde o sol aponta antes do meio-dia;  
 Lá em algum lugar da Pomerânia,  
 Onde a branca espuma do mar bate nas dunas,  
 Lá em algum lugar do litoral da Mosela;  
 Junto ao Drau e Sau e encostas dos Alpes:  
 Está a casa dos pais de teus avós,  
 Fica a casa-mãe de todos nós,  
 Fica a A l e m a n h a !  
 Meu filho, lá vive um povo heróico,  
 Que para cá enviou os seus primogênitos''''  
 Ah como a nobre semente cai  
 Longe por sobre terra e sobre mar!  
 Trabalharam, em cada braço um herói,  
 A nova terra em novo mundo,  
 Transformando em ouro, selvas, matas e banhados:  
 Meu filho, assim trabalhou esse povo heróico,  
 N o v a A l e m a n h a !  
 Nós fizemos isto, da Pátria separados;  
 Esta que continua forte ainda em todo mundo,  
 Continua forte e inabalável como sempre,  
 Onde o desprezível machado da inveja se espatifa!  
 Nem ganância nem cobiça — uma ordinária traição! —  
 Trata-se do sol, da lua e das estrelas  
 De tudo, que em nosso coração arde,  
 Por, aquilo que a alma alemã conhece:  
 E t e r n a A l e m a n h a !  
 Como o tinir de espadas e o bater das ondas —  
 Alemão é uma palavra marcante e sonora;  
 Alemão é tão profundo, alemão toca tão forte  
 E soa no peito como uma canção!  
 Dos melhores muitos sentem-se derrotados,  
 Por alemães não poderem se chamar. . .  
 Onde sempre a língua alemã ecoa,  
 Meu filho, aqui, ali, em todo lugar

É A l e m a n h a !  
 Ampara-nos braço dos irmãos alemães,  
 Protege-nos fortaleza alemã:  
 Cercados por carrascos, traidores e invejosos,  
 Eles abriram caminho, eles resistiram,  
 Eles trabalharam; em roucos gritos'  
 Agonizaram muitas almas assassinas. . .  
 Onde sempre o bando inimigo aparece,  
 Ergue-se, orgulhosa, jovem e quente.  
 V e l h a A l e m a n h a !  
 Ah, como o brilho dos teus olhos fala!  
 Como as tuas faces se abrasam!  
 O teu sangue veloz tuas veias estica!  
 Teu braço se ergue tão alemão e valente!  
 Na força da tua juventude,  
 Este mundo transformou o mundo,  
 Este, cujo portão nenhum assalto destruirá;  
 Meu filho, no brilho dos teus olhos:  
 J o v e m A l e m a n h a !  
 E quando a saudade de repente aparece,  
 A alma até adoece,  
 A hora do destino bate forte:  
 Então toda a multidão que nos esgotou,  
 Desmembrou, separou, agradeceu!  
 Então debulho de trigo arriscadamente moído!  
 Então em todas as meias-noites!  
 Uma voz, um grito; está realizado —  
 Aqui A l e m a n h a !

O outro destaque é para *Ueberschwemmung* (1924), texto que tem como tema central a enchente do Rio Pardo, um dos acontecimentos que mais marcou a história da região naquela época. Sauer usa em seus poemas uma linguagem e um vocabulário extremamente ricos, conseguindo com que um fato de cunho trágico se torne engraçado e bem humorado. Além disto, o autor tenta através da sua poesia conscientizar a população, já naquele tempo, dos danos que a destruição do meio ambiente poderiam causar, revelando uma grande preocupação com a conservação das matas e a preservação da natureza.

### Ueberschwemmung.

Sommerabend.  
 In Schönheit brennt  
 Oben am Rand der Serra  
 Der Araukarienwald.  
 Und streisenweise,  
 Wie herausgeschnitten,  
 Biehn sich die Fluren herab:  
 Maisstücke, Viehweiden und Tabak-  
 Hier und da [pflanzungen.  
 Aus den dunkelgrünen Orangenwipfeln  
 Schimmert ein Bauerngehöft,  
 Ställe, Scheuern und weibgetünchte Häuschen.  
 Der Bach  
 Springt lustig vom kahlen Felsenschroff  
 Und sammelt sich,  
 Beruhigten Laufs,  
 Halbunten im Mühlteich.  
 Wagen, futterbelaben,  
 Streben heimwärts,  
 Und auf der Landstrabe  
 Hin und wieder ein verspäteter Reiter.  
 Peitschenknallen, kunstgemäb,  
 Eins das andre übertäubend,  
 Und maultierbeschirrte Frachtwagen.  
 Auch ein Ochsenkarren  
 Aechzt auf fettentwöhnten Achsen,  
 Kreischend,  
 Von einem Dubend Elefantenkolossen  
 Wie Schneckenwanderung gezogen,  
 Und schiebt sich laut knarrend  
 Langsam voran.  
 Weithin schallt,  
 In das Quicksen lieblich hineingemischt,  
 des Treibers aufgeregtes Geschrei,  
 Das wenig zu fördern scheint;  
 Denn an langen Staken die Picke  
 Sucht oft und öfter begehrlieh ihr Opfer  
 Unter dem Brüllenden Bugvieh.  
 Geht es ein wenig schneller?  
 Aber von Western her  
 Ueber dem Kamp

Türmen sich blauviolette Wolken auf—  
 Beängstigend.  
 Die Schwüle drückt,  
 Hingelagert wie faule Wiederkcker,  
 Deren Pansen  
 Vor mohliger Sättigung plaben möchte.  
 Lebt —  
 Wie auf Turmwards anhoudenden Befehl —  
 Springt der Wind auf,  
 Rennt keuchenden Atems und wächst  
 In faustgeballten Stöben  
 Zum schmetternden Sturm. [kenballen.  
 Schwefelgelbes Zucken zerreibt die Wol-  
 Der Bauer durchgeht scheu geängstigt  
 Prüft Angeln u. Riegel, [sein Anwesen,  
 Hier eine Luke,  
 Dort ein Fenster schliebend,  
 Und von der Weide her  
 Drängen sich Vieh,  
 Dienstleute und eigene auch,  
 Die Hacke geschultert,  
 In Unterstände.  
 Nun schiebt die Wolke den blauen Pfeil.  
 Grollend, polternd, wie zorniges Schelten  
 Läuft's hinter ihm drein,  
 Und -  
 Ist's die Hand des mütenden Fehlschüben?  
 Kreuz und quer  
 Greifen und reiben  
 Knatternde Blibfinger in die Wolken-  
 Flatternde Feben, [ballen hinein —  
 Gespenstisches Sausen,  
 Gröhlen, Stöhnen und Röcheln.  
 Die Wasserschläuche der Wolken plaben,  
 Und in zischenden, gischenden Strömen,  
 Pabig — klatscht der Wassermann  
 Regen und Regen harab.  
 Hagel dazwischen wie Enteneier.  
 Das Vieh in den Ställen brüllt vor Angst,  
 Und die Menschen drücken sich,  
 Beklommen schweigend,  
 Aneinander  
 Um die erkaltete Herdstatt,

Bitternd ums nackte Leben, um Dach und Heim.  
 Ob morgen - wer ein Morgen erlebt!  
 In der mühsam bestellten Pflanzung  
 Ein grünes Blatt, ein kahler Strunk,  
 Das Leben und Hoffnung hätte, zu finden ist?  
 Der Sturm legt sich. —  
 Nein! zu neuen Kräften gekommen,  
 Das Ungeheuer,  
 Erhebt sich vom Lager, bläst und schwillt  
 Ochsenfroschaufgepustet zum rafenden Wirbel  
 Das Rinnsal, das den Weg [entlang.  
 Sich fristete  
 Wächst, bläht sich auf und verwandelt sich —  
 Vollgesogen —  
 Zum reibenden Wildbach  
 Und gräbt  
 Wie mit furchtbaren Ameisenbärpranken  
 Brodelnde Kolke.  
 Der Mühlengraben  
 Fühlt sich als Malstrom,  
 Wälzt braune Schlammbrühe  
 Und mannshohe Steinbrocken,  
 Wie Knaben mit Bällen spielen,  
 In den schwellenden Teich.  
 Das kocht und wallt  
 Wie im Herenkessel  
 Und schäumt wie gischende Meeres brandung.  
 Schon leckt die Flut mit blänkenden Zungen  
 Hier u. dort über die Uferränder,  
 Fliebt und frißt und bröckelt,  
 Und nun —  
 Ein Splittern und Krachen; das Wehr gibt nach,  
 Und donnernd  
 Stürzen sich schmutzige Schaummassen  
 In mächtigen Schwall  
 Die Talschlucht hinab.  
 Grausen greist dem Wanderer ans Herz  
 Und würgt ihn am Halse.  
 Die Schlammfluten steigen — steigen!  
 Das Vieh in den Ställen tobt gegen die Wände.  
 Todesangst  
 Springt und klirrt in die Ketten.  
 Die Firste der Dächer wimmeln von Menschen,

Als deren letzte gebrechliche Zuflucht.  
Wanken die Pfeiler nicht schon?  
Mütter schreien, rufen, wimmern  
Und kreischen schrill, herzerreibend  
Nach ihren Kindern.

Hannjörg, er war schon als Schulbube  
Ein verschmitzter Obst u. Kartoffeldieb,  
Erklettert den Apfelbaum, seinen Herzensfreund.  
Der schaukelt schon, wurzelunterwühlt,  
Doch fürchtet nichts:

Hannjörg war schon in schlimmerer Bedrängnis  
Obenauf;

Als waghalsiger Schwimmer,  
Mit langen Fingern weithausholend  
Nach über Gewohnheit —  
Und leibhaftigen Schwimmfüßen, des

[Grobohms Erbteil,

Tritt er furchtentwöhnt die Balken schaukelnden,  
Rammklöbe borenden Höllengische,  
Gewinnt die Anhöhe  
Des feindlich gesinnten  
Melonenbauers  
Und drückt sich schleunigst,  
Den Grub vergessend,  
In den bergenden Buschwald  
Des Hintergrundes.

Indessen

Tost ein gewaltiges Wasserstürzen  
Talwärts.

Schweine, Wiegen, entwurzelte Obstbäume,  
Dächer, allerlei Hausrat, Gespanne,  
Tabaksballen, Balken und Trümmer  
Wälzen sich über und durcheinander,  
Kopfüber, kopfunter —

Immer hinab — immer hinab.

Auch ein Arm taucht auf, fuchtelnd und sinkt  
Als säbe er nicht [zurück,

Un eines Ertrunkenen Leib.

Und oben der Wald —

O dab er standhielte ungeheuren Wucht  
Des Sturmanpralls!

Aber schon klatschen die fallenden Stämme.

Ein preiter Wundstreifen

Zieht sich den Hang hinab  
Wurzelwerk, Steine, Geröll und Mutterboden  
Wirbelnd, und Waldriesen-Stämme  
Kammen die mächtigen — schwächtigen  
[Streichholzpfosten

Menschlicher Behausungen unheimlichen Heimstätten.

Ein Schrei — — —

Und oben

Hängt der lebte Waldrest

Und droht zu stürzen

Den Brüdern nach. [Gewissens

Dröhnt's nicht wie hohles Gebälk, wie bösen

Unerbittliches Mahnen, Murmeln, Gepolter,

Reisen und Donnerstimme?:

“Ihr schlugt uns, Menschengewürm,

“Rücksichtslos ein Stück nach dem andern

“Habgierig nach Pflanzland, [nieder,

“Nach Hab und Gut,

“Nach schmutzigen Geldpapierfeben;

“Feuer frab uns,

“Euern Burgwald und Schüber, den Freund

[und Bewahrer —

“Ihr schäbtet ihn für nichts:

“O, nun splintern die schwachen, versäumten

“In den zupackenden Fäusten [Reste

“Losgelassener Naturgewalten!

“Und eure wohlbesorgten Ackerbreiten

“Sind Kirchhöfe des Todes geworden . . .

“Reib nieder, Stürme!

“Reib nieder, Wasserwogen! [gebliebene,

“Schlagt zu Boden, zerbrecht das Uebrige-

“Hagel und Blibe!

“Wie ihr

“Uns niederrisset, zerschlugt, zu Asche

“Ihr unbedachten, [zerfrabt,

“Herzlosen Verkennen eures besten Helfers:

“Waldmörder ihr!”

**Enchente.**

Entardecer de verão.  
 Em beleza arde  
 No topo da serra  
 A mata de araucárias  
 E enfileiradas,  
 Como recortadas,  
 Vão descendo os campos:  
 Lavouras de milho, pastagens e plantações de  
 Aqui e ali [fumo.  
 Das copas verde-escuras das laranjeiras  
 Surge a propriedade de algum colono,  
 Estábulos, celeiros e casinhas brancas.  
 O riacho  
 Salta alegre dos íngremes rochedos sem  
 E se acumula, [vegetação  
 Córrego tranqüilo,  
 Em direção ao lago do moinho.  
 Carroças, carregadas de pasto,  
 Seguem o caminho de casa,  
 E pelas estradas  
 Aqui e ali, surge um cavaleiro retardatário.  
 Estalar de soiteiras, artisticamente,  
 Um ensurdecendo ao outro,  
 E carroças de carga puxadas por burros.  
 Também um carro de bois  
 Anda sobre eixos mal lubrificadas,  
 Guinchando,  
 Puxado por uma dúzia de colossais elefantes  
 Em velocidade de lesmas,  
 Arrastando-se em altos estaleres  
 Lentamente adiante.  
 Ao longe ecoam,  
 Suavemente misturados ao ranger,  
 Os berros alterados do condutor,  
 O que pouco parecia mandar;  
 Então em longas varadas o golpe  
 Procura mais e mais o seu alvo  
 Na espádua do gado que muge.  
 Será que anda um pouco mais rápido?  
 Mas do lado oeste  
 Por sobre os campos

Nuvens arroxeadas surgem —  
 Assustadoras.  
 O calor sufoca,  
 Repousadas como preguiçosos ruminantes,  
 Cujos estômagos,  
 É provável que estourem de saciedade.  
 Agora —  
 Como à ordem de ronda do guarda da torre -  
 O vento se levanta,  
 Larga sopros ofegantes e cresce  
 Em rajadas de punhos cerrados,  
 Num tremendo temporal.  
 Relâmpagos cor de enxofre cortam as nuvens.  
 O colono atravessa sua propriedade tímido e  
 Examina trancas e dobradiças, [amedrontado,  
 Aqui uma portinhola,  
 Ali uma janela para fechar,  
 E lá do pasto  
 Vem apressado o gado,  
 Empregados e também patrões,  
 As enxadas às costas,  
 Em abrigo.  
 Agora a nuvem descarrega a flecha azul.  
 Estrondos, barulho, como uma colérica censura  
 Corre atrás dele,  
 E -  
 Será que a mão do valente atirador errou o  
 A torto e a direito [alvo?  
 Pegando e rasgando  
 Fortes relâmpagos em meio às nuvens —  
 Farrapos esvoaçando,  
 Assombrosos zunidos,  
 Gritos, gemidos e agonizares.  
 As mangueiras do céu rebentam,  
 E sibilando, em chuvas torrenciais,  
 Arrogante - bate o aguadeiro  
 Chuva e chuva caindo.  
 Com granizo do tamanho de ovos de pato.  
 O gado nos estábulos muge de medo,  
 E as pessoas se apertam,  
 Em silenciosa aflição,  
 Umas às outras,  
 Em volta do fogão frio,

Orando pela sobrevivência, pelo teto e lar.  
E pelo amanhã - para quem sobreviver ao amanhã!  
Na plantação cultivada com esforço,  
Uma folha verde, um talo limpo,  
Será que isto significa vida e esperança?

O temporal se acalma. —

Não! com novas forças,  
O monstro,  
Levanta do seu repouso, assopra e se estufa  
Como um sapo-boi, num violento redemoinho.  
O riacho, que corre  
Ao longo do caminho,  
Cresce, incha e se transforma —  
Completamente cheio —  
Num rio selvagem  
E cava  
Como com medonhas garras de tamanduá  
Poços borbulhantes.  
O canal do moinho  
Enche-se com força de moer,  
Fazendo rodar lama pardacenta  
E pedregulhos do tamanho de um homem,  
Como rapazes jogando bola,  
Para a massa que vai inchando.  
E ferve e borbulha  
Como no caldeirão do inferno  
Espumando como a rebentação do mar.  
E já a lambe com línguas fumegantes  
Cá e lá, sobre a beira dos barrancos,  
Derrama e devora e desmorona,  
E agora —  
Um lascar e estourar; a represa está cedendo,  
E troveja,  
Despencam as sujas espumas d'água  
Em grandes ondas  
Descendo a garganta do rio.

O pavor invade o peito do andante

E o sufoca pelo pescoço.

As ondas de lama sobem — sobem!

O gado nos estábulos, bate contra as paredes.

Medo da morte

Pula e força as correntes.

O topo dos telhados fervilha de gente,

Como se fosse o seu último e frágil abrigo.  
Os pilares já não estão balançando?  
Mães gritam, chamam, choramingam,  
E clamam desesperadamente  
Por seus filhos.

Hannjörg, que já nos tempos de escola  
Era um ladrão de frutas e batatas,  
Sobe na macieira, sua amiga do peito.

Esta já balança, desenraizada,  
Mas ele não se amedronta:  
Hannjörg já esteve no topo de situações  
Muito piores;

Como arrojado nadador,  
Em largas esticadas de dedos,  
Num passo costumeiro —

E verdadeiros pés de nadador, grande herança  
[do avô,

Ele corajosamente pisa os caibros a balançar,  
Estacas atravessando as espumas infernais,  
Atingindo as alturas  
Da propriedade do hostil  
Plantador de melancias  
E desaparece o mais depressa possível,  
Esquecendo até o cumprimento,  
No abrigo da mata de arbustos  
Dos fundos.

Contudo

Uma enorme avalanche de água brada  
Vale abaixo.

Porcos, berços, árvores frutíferas desenraizadas,  
Telhados, utensílios domésticos, juntas,  
Fardos de fumo, caibros e destroços  
Vão rolando misturados uns aos outros,  
Para cima e para baixo —

Sempre descendo — sempre descendo.

Também um braço surge, gesticula e afunda

Como se não estivesse preso [novamente,  
Num corpo afogado.

E a mata acima —

Que resistiu à enorme força

Do temporal!

Mas já o barulho dos troncos a cair,

Uma larga clareira

Vai descendo a encosta  
 Raízes, pedras, cascalhos e terra-mãe  
 Girando, e enormes troncos  
 Se chocando contra imponentes — franzinos  
 [postes

Casas de moradia e lares.  
 Um grito — — —  
 E lá em cima  
 Pende a última sobra de mato  
 Ameaçando cair  
 Atrás dos irmãos. [súplica de

Não ressoa como madeiramento oco, como  
 consciência pesada, murmúrios, resmungos,  
 Rasgares e vozes de trovão?:  
 “Vocês nos cortam, vermes humanos,  
 “Impiedosamente, derrubam uma após a outra,  
 “Gananciosos por terra de plantio,  
 “Por posses e propriedade,  
 “Atrás do sujo dinheiro;  
 “O fogo nos devorou,  
 “Vossa segurança e amparo, o amigo e  
 [proteção —

“Vocês não o valorizavam para nada:  
 “Oh, agora lascam-se os fracos restos  
 “Entre os punhos cerrados [esquecidos.  
 “Forças livres da natureza!  
 “E vossas lavouras bem cultivadas  
 “Transformaram-se em cemitérios...  
 “Destruam, temporais!  
 “Destruam, ondas d’água!  
 “Derrubem, quebrem o que restou,  
 “Granizo e relâmpagos!  
 “Como vocês  
 “Nos derrubaram, destruíram, transformaram  
 “Seus inconseqüentes, [em cinzas,  
 “Desapiedados com seu melhor amigo:  
 “Seus assassinos da mata!”

### 3.3 Otto Meyer

Otto Meyer nasceu em 10 de setembro de 1869, na capital de Hildesheim, Estado de Hannover, Alemanha. Estudou Teologia

e História nas cidades universitárias de Berlim, Erlangen e Göttingen. Chegou ao Brasil no ano de 1904, logo fixando residência em Santa Cruz. Permaneceu na cidade até o ano de 1908, atuando como diretor do Colégio Sinodal, hoje Colégio Mauá. Naquele ano requisitou uma viagem de férias à Alemanha, mas depois de poucos meses voltou a chamado do *Helfsvereinesschulen* de Porto Alegre, atual Colégio Farroupilha, onde trabalhou até 1924.

Em 1928 retornou novamente a Santa Cruz para assumir a direção do Colégio Sinodal do município, desta vez permanecendo até 1934, ano em que se aposentou.

Paralelo ao seu notável desempenho como poeta e escritor, Otto Meyer atuou principalmente como professor de História, tendo sido responsável pela educação de um grande grupo de jovens alemães, tanto de Porto Alegre como de Santa Cruz do Sul.

Seu primeiro trabalho literário foi *Walafried*, poema produzido entre 1904 e 1908. Além desse podemos citar *Tannhäuser* e *Der landsknecht von Cochem*, ambos publicados em pequenas edições do jornal da época, e ainda o conto policial *Der fall Eickhoff* (1949), publicado em livro.

Apesar de um estimado número de produções literárias, localizamos, além do conto *Der fall Eickhoff*, apenas quatro de seus trabalhos. Como a pesquisa se restringe apenas à poesia, não faremos nenhum comentário sobre o conto acima citado.

Dentre os textos localizados, apresentaremos *Der Deutsche Kolonist* (1924), que provavelmente é um dos mais belos de sua obra literária, e alguns versos soltos, assim caracterizados pelo próprio autor, que revelam o seu lado humano sendo permeados por um forte sentimento de religiosidade.

Em *Der Deutsche Kolonist*, como veremos a seguir, o autor faz um retrato perfeito da realidade vivida pelos imigrantes na sua nova pátria, desde o primeiro encontro com a terra, a imagem da futura casa, do lar e das plantações, à herança para as gerações futuras. Além disto é marcante a presença de um grande sentimento de amor pelo novo mundo, especialmente nos versos em que o autor na voz do narrador expressa a felicidade do jovem alemão em poder dizer a cada entardecer: *Das ist mein*.



**Der deutsche Kolonist.**

(Aus "Hans Hanssen, Lockendes Land über See")

Und er erzählte von den Urwaldbauern,  
 Von ihres Lebens hartem, stillem Gang,  
 Von hirem Kampfe mit der grünen Wildnis,  
 Von des befreiten Boden reichem Dank.  
 Er lieb die Siedlung vor dem Blick entstehen,  
 Zeigt', wie das kleine Blochhaus sich erhebt,  
 Und wie der Siedler dort mit Weib und Kindern  
 Zuerst fast wie das Tier des Urwalds lebt;  
 Doch wie mit jeder neuen Arbeitswoche  
 Die Lust am Schaffen mächtiger sich regt,  
 Und wie der Boden schon nach wen'gen Monden  
 In stolzen Stauden gold'ne Körner trägt.  
 Er zwang alsbald die beiden stillen Hörer  
 In seinen Bann, denn er erzählte gut;  
 Hans Doovenstraat erzählte mit dem Herzen,  
 Was ja das Beste zum Erzählen tut.  
 "Zwar ist das alles noch so wenig wohnlich,  
 Aus erster Not geboren, karg und klein,  
 Und dennoch sagt sich froh der junge Siedler  
 Na jedem Feirabend: "Das ist mein".  
 Er kennt die Kraft der jungfräulichen Erde,  
 Mit Urwaldsmoder tausend Jahr gedüngt;  
 Er hofft, dab alle Mühe unth Beschwerde  
 Den Söhnen einst ein stattlich Erbe bringt;  
 Er fühlt, dab durch die arbeitsfrohen Hände  
 Die rote Kraft des deutschen Blutes rinnt;  
 Er weiß, er führt den harten Kampf zu Ende,  
 Den gegen eine Wildnis er beginnt."

Und unwillkürlich sehte sich der Sprecher  
 Und zog sich durch die Faust den blonden Bart,  
 Ein blanker Schimmer lugt ihm aus den Augen,  
 Als lachte stolz darin die Deutsche Art.

Und weiter spann er der Erzählung Faden  
 Vom stillen Wirken zäher deutscher Kraft,  
 Und wie der deutsche Bauer dort im Süden  
 Bei alten Bräuchen neues Leben schafft;  
 Wie er mit Weib und Kind im Tau der Frühe  
 Dem heißen Tagewerk entgegenzieht,  
 Und wie der lebte matte Blick des Tages



Kaum seiner Hände Feierstunde sieht;  
 Wie er die wilde Lebenskraft der Wälder  
 Mit Schweib und Trob, mit Axt und Feuer dämpft,  
 Wie er um seiner Zukunft Saatenfelder,  
 Um seines Heimatherdes Flamme kämpft;  
 Wie er am Hang im steinigen Gälende  
 Im Sonnenbrand die blanke Hacke hebt,  
 Wie in dem Taktschlag seiner harten Hände  
 Des Arbeitsdranges heilig Uhrwerk lebt,  
 Er schilderte, wie schwer die ersten Jahre,  
 Wie schwer der erste Kampf ums täglich Brot,  
 Und wie beim Fehlen sachgemäßer Hilfe  
 Ger in die Hütten schau der rasche Tod;  
 Wie beim Geborenwerden und beim Sterben  
 Die Not der Wildnis drohend drängt herein,  
 Und wie der Nachbar muß zum Helfer werden,  
 Ratgeber, Tröster, Arzt und Priester sein. —  
 Er schildert, wie dann in dem Lauf der Jahre  
 Die erste herbe Not den Rücken kehrt,  
 Wie sich die Waldeslichtung merklich weitet,  
 Wie sich der Herde bunte Zahl vermehrt;  
 Wie schon von Hause bis zum Bergeshange  
 Sich des Potreiros grüner Teppich streckt,  
 Und wie am Bach die junge Trauerweide  
 Schon übers Schuppendach die Krone reckt;  
 Wie die aus Feldstein schön gesebte Mauer  
 Vorn an der Wegfront schon die Grenze zieht,  
 Wie zwischen Feigen und Orangenbäumen  
 Im Rosarot der junge Pfirsich blüht;  
 Wie da das Schaffen schaut aus allen Ecken,  
 Die Ordnung waltet, der Besib sich häuft,  
 Wie da so pracktisch durch die saub're Küche  
 Im Bambusrohr das klare Wasser läuft;  
 Und wie der Blick vom Haus schon in die Weite  
 Rings über braune Fruchtgefülde geht,  
 Wo zwischen schwarzen, halbverkohlten Stämmen  
 Der grüne Mais in hohen Stauden steht.  
 "Und wie das alles zwischen grünen Hängen  
 So still und friedlich eingebettet ist —  
 Das ist ein Bild", so sagte der Erzähler,  
 "Das man in seinem Leben nicht vergibt.  
 Das ist, als hätte sich mit Frucht und Blüten  
 Ein Himmelssegnen in den Wald gesenkt,

Ein Stück von jenem Segen, den der Himmel  
Auch in der Wildnis nur der Arbeit schenkt.”

“Und seht, da gibt es nie ein Stillestehen:  
Im Lauf der Zeit ersteht ein steinern Haus  
Und wird zu eng, und einer von den Söhnen  
Zieht wieder weiter in den Wald hinaus;  
Und nimmt ein Weib mit seinen zwanzig Jahren,  
Denn Arbeitsjahre machen schneller alt,  
Und wie es einstmals ihre Eltern waren,  
Sind wieder Siedler sie im wilden Wald;  
Und gehen aus im Tau am frühen Morgen  
Und regen abends noch die harte Hand  
Und haben ihre Freuden, ihre Sorgen  
Und wohnen mit dem Walde Wand an Wand;  
Und seh’n, wie auch in ihrem kargen Kreise  
Der ersten Arbeit ersten Segen lacht,  
Und schaffen wieder auf dieselbe Weise,  
Wie einstmals ihre Eltern es gemacht.  
Zehn Jahre weiter — wie die Feldsteinmauer  
Auch hier so stattlich schon die Krenze zieht!  
Wie zwischen Feigen und Orangenbäumen  
Im Rosarot der junge Pfirsich blüht!  
Und wie der Blick vom Haus schon in die Weite  
Rings über braune Fruchtgefülde geht,  
Wo zwischen schwarzen, halbverkohlten Stämmen  
Der grüne Mais in hohen Stauden steht!”  
Der Sprecher schwieg und blickte still ins Leere,  
Als lauscht’ er selber noch dem letzten Wort,  
Und legte seine breite, braune Rechte  
Fest vor sich auf den Tisch und fuhr dann fort:  
“Und diese Art, die durch die Arbeit atmet,  
Die heute schafft und morgen doch nicht ruht,  
Die Neues wirkt und Altes flickt und bessert,  
Seht, diese Art — die liegt im deutschen Blut.  
Das Vorwärtswollen, das zum Vorwärtskommen  
Den Taler gibt und dann den Pfennig spart,  
Das nie den kleinsten Wirtschaftswert vergeudet,  
Ein Altes Eisen sorglich aufbewahrt;  
Das mit ein wenig Schönheitssinn im Bunde  
Das Haus mit schönem Ueberflub sich schmückt,  
Und das sich doch im nächsten Augenblicke  
Nach einem alten krummen Nagel Bückt;  
Das sorgend sich im Haus an allen Enden

Mit Machen, Kochen, Scheuern, Plätten plackt  
Und nebenbei mit Heinzelmännchenhänden  
Den Christbaum schmückt und Pfefferkuchen backt —  
Dies Wollen, das der Arbeit starke Kräfte  
Stets in der Ordnung strenge Formen zwingt,  
Das auch im Drang festtäglicher Geschäfte  
Dem lebten Tier im Stall sein Futter bringt —  
Seht, das ist deutsch! Ein Hauch von Schöpferodem  
Den uns der Schöpfer in das gesenkt,  
Der tiefste Grund, warum der Urwaldsboden  
Den deutschen Bauern soviel Früchte schenkt.”

### O Colono Alemão.

(Da obra “Hans Hanssen, terra atraente além mar”)

E ele fala dos habitantes da mata virgem,  
De suas árduas vidas, do silencioso andar,  
De sua luta contra a selva verde,  
Da rica benção da terra cultivada.  
Ele visualiza a morada diante de seus olhos,  
Mostra como a pequena casa de troncos se ergue,  
E como o colono com mulher e filhos  
No princípio quase viveu tal os animais da floresta;  
Mas a cada nova semana de trabalho  
A vontade de trabalhar mais se renovava,  
E como a terra já depois de poucas luas  
Estava repleta de belas sementes douradas.  
Ele logo seduziu os dois silenciosos ouvintes  
Com seu encanto, porque era um bom contador;  
Hans Doovenstraat narrava com o coração,  
A melhor receita para o bem narrar.  
“Por enquanto isso tudo é pouco habitável,  
Nascido da primeira dificuldade, humilde e pequena,  
Mas assim mesmo o jovem colono dizia feliz  
A cada entardecer: “Isto é meu”.  
Ele conhecia a força da nova terra,  
Há mil anos adubada pela mata nativa;  
Ele deseja, que todo esforço e dificuldades  
Tragam aos filhos uma bela herança;  
Ele sente, que pelas mãos habituadas ao trabalho  
Corre a força vermelha do sangue alemão;  
Ele sabe, que a árdua luta que travava

Contra a floresta se conduz ao fim.”

E espontaneamente o narrador senta,  
E passa o punho pela barba loira,  
Um forte brilho surge em seus olhos,  
Refletindo ali o sorriso de toda a raça alemã.

E mais ele estica o fio de sua narrativa  
Sobre o árduo e silencioso trabalho dos alemães,  
E como o colono alemão lá no sul,  
Em meio a velhos costumes edifica uma nova vida;  
E como ele com esposa e filhos no orvalho da manhã  
Vai ao encontro da chamada jornada de trabalho,  
E como o último raio de luz do dia  
Mal vislumbra a hora do descanso das mãos;  
Como ele derrota as forças selvagens da mata  
Com suor e bagagem, machado e fogo,  
Como ele luta pelo futuro de suas roças,  
Por manter a chama de seu lar;  
E como ele ao pé da serra pedregosa  
Sob o calor do sol levanta sua reluzente enxada,  
Como no compasso de suas rudes mãos  
O mecanismo sagrado da necessidade de trabalhar vive,  
Ele conta, como foram difíceis os primeiros anos,  
Como foi difícil a luta pelo pão de cada dia,  
E como na falta de auxílio apropriado  
A morte surpreendia nas choupanas;  
Como no nascimento e na morte  
A selva ameaçadora e a pobreza se manifestavam,  
E como o vizinho tinha de se transformar em salvador,  
Conselheiro, consolador, médico e pastor. —  
Ele conta, como no decorrer dos primeiros anos  
As grandes dificuldades foram deixadas para trás,  
Como as clareiras na mata aumentaram visivelmente,  
Como o colorido rebanho se multiplicou;  
Como o já verde tapete dos poteiros  
Se estendeu da casa ao pé da Serra,  
E como o jovem chorão à beira do rio  
Já estende seus galhos por sobre os galpões;  
Como os belos muros de pedra erguidos  
Diante das casas já mostravam a divisa,  
Como entre figueiras e laranjeiras  
Em rosado floria o jovem pessegueiro;  
Como lá o trabalho surgia de todos os cantos,

A organização predominava, os bens aumentavam,  
Com que praticidade a límpida água atravessava  
A cozinha correndo por um cano de bambu;  
E como a vista em volta da casa já ia longe  
Por sobre as plantações maduras,  
Onde entre, pretos troncos semiqueimados  
Os verdes pés de milho se erguem.  
“E como tudo está acomodado entre as encostas verdes  
Tão calmo e sossegado —  
É um retrato” assim diz o narrador,  
“Que homem algum jamais esquecerá na vida.  
É como, se numa bênção divina, a mata  
Tivesse sido carregada de flores e frutos,  
Uma parte daquela bênção, que também na mata  
O céu presenteia somente aos que trabalham”.

“E vejam, lá jamais há descanso:  
No decorrer do tempo uma casa de pedra surge  
E fica apertada, e um dos filhos  
Outra vez muda para dentro da mata;  
E leva uma moça com seus vinte anos,  
Porque anos de trabalho aceleram o envelhecimento,  
Assim como seus pais foram um dia,  
Novamente eles são colonos em meio à selva;  
E saem no orvalho da madrugada  
E trabalham duro até o anoitecer  
Tem suas alegrias, suas preocupações  
E moram lado a lado com a mata;  
E vêem, também em seu círculo limitado  
A primeira bênção do primeiro trabalho sorrindo,  
E trabalham do mesmo modo,  
Como seus pais fizeram no princípio.  
Dez anos depois — como também aqui  
O muro de pedras demarca as divisas!  
Como entre figueiras e laranjeiras  
Em rosado floria o jovem pessegueiro!  
E como a vista em volta da casa já ia longe  
Por sobre as plantações maduras,  
Onde, entre pretos troncos semiqueimados  
Os verdes pés de milho se erguem!”  
O narrador se calou fixando o olhar no vazio,  
Como se ele próprio ainda ouvisse sua última palavra,  
E deitando, sua larga e bronzeada mão direita  
Firme sobre a mesa, continuou a falar:

“E esta raça, esta que respira pelo trabalho,  
 Que hoje trabalha mas não descansa amanhã,  
 Que produz o novo e conserta e melhora o velho,  
 Vejam, esta raça — ela está no sangue alemão.  
 A vontade de progredir, que para alcançar o progresso  
 Dá o táler e então economiza os centavos,  
 Para que nunca o menor bem seja desperdiçado,  
 Um velho ferro cuidadosamente guardado;  
 Para que com um pouco de bom gosto em união  
 A casa seja enfeitada com abundância,  
 E que no próximo piscar de olhos  
 Para um velho prego torto se curve;  
 Em todas as partes da casa há preocupação  
 Com zelar, cozinhar, esfregar, passar  
 E paralelamente com mãos de fada  
 Enfeita a árvore de Natal e assa pães de mel —  
 Este querer, de que as forças do trabalho  
 Sempre se mantenham numa severa organização,  
 Que também no cumprimento das obrigações diárias  
 O alimento chegue até o último animal do estábulo —  
 Vejam, isto é alemão! Um sopro de divino  
 Com que Deus nos abençoou,  
 A mais profunda razão, pela qual a terra nativa  
 Presenteou o colono alemão com tantos frutos.”

Os versos que seguem são parte integrante da obra *Der fall Eickhoff*<sup>17</sup> e como dissemos acima, revelam o lado mais introspectivo do autor. Segundo ele, estes são seus pensamentos mais íntimos.

Der Mensch will einen Menschen haben,  
 Für den er lebt und den er liebt:  
 Dem er an Gunst und Gut und Haben  
 Sein Bestes und sein Lebtes gibt;

Für dessen Wohl er denkt und dichtet,  
 Für dessen Glück er ringt und rät,  
 Für den er selbst auf Glück verzichtet,  
 Für dem er bittet im Gebet.

Das ist die Liebe, die nicht neidet,  
 Die nicht nach Lob und Lohne fragt,  
 Die hoffend sich in Langmut kleidet,

<sup>17</sup> Versos extraídos da obra: MEYER, Otto. *Der fall Eickhoff*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1949. p. 6.

Die alles glaubt und alles trägt.

Hast in solch selbstvergess' nem Streben  
 Schon einen Menschen Du geliebt?  
 Hast Du's gefühlt, wie deinem Leben  
 Dein Lieben erst die Weihe gibt?

Nein? - Hat des Lebens bunt Getümmel  
 Dir solches Leben noch vermehrt?  
 O, bitt den lieben Gott im Himmel,  
 Dab er Dich solche Liebe lehrt!

Wirst in solch selbstvergessenem Streben  
 Von einem Menschen Du geliebt?  
 Hast Du's gefühlt, dab es im Leben  
 Kein köstlicher Besibtum gibt?

Já? - Ward Dir solche Lieb geschenkt?  
 O, flehe zu dem Herrn der Welt,  
 Der auch die Menschenherzen lenket,  
 Dab er Dir solche Lieb erhält!

O ser humano quer outro ser humano,  
 Para quem viva e a quem ame:  
 Para quem em graça e bondade e bens  
 Dê o seu melhor e o seu último;

Para cujo bem ele pense e faça versos,  
 Para cuja felicidade ele lute e aconselhe,  
 Por quem desista da sua própria felicidade,  
 Por quem ele peça em oração.

Este é o amor, que não sente inveja,  
 Que não pede elogios nem recompensas,  
 Que se veste de esperança e paciência,  
 Que em tudo acredita e tudo suporta.

Tu subjugado pela tal ambição  
 Já amaste alguém?  
 Tu sentiste, como a tua vida  
 Primeiro abençoa o amor?

Não? - O colorido alvoroço da vida  
Ainda não te avultou tal vida?  
Oh, peça ao bondoso Pai do céu,  
Que ele te conceda algum amor!

Vais em tal cega ambição  
Ainda ser amado por alguém?  
Tu sentiste, que na vida  
Não há nada mais valioso?

Sim? - Foste presenteado com algum amor?  
Oh, suplique ao Senhor do mundo,  
Que guia também os corações humanos,  
Que ele te conserve tal amor!

### 3.4 Gustav Natorp

Gustav Natorp nasceu em Düsseldorf, Prússia-Renana, Alemanha, em 17 de agosto de 1865. Era descendente de uma conhecida família de pastores evangélicos. Frequentou os colégios de Düsseldorf e Höxter, na Westfalia, e estudou Teologia e Filologia em Bonn, Tübingen, Marburg e Göttingen, no período de 1887 a 1891.

Com a morte de seu pai, em 1891, sentiu-se obrigado a suspender os estudos e sem muito pensar emigrou para o Brasil.

Natorp assinava seus poemas com o pseudônimo *Gaudens Rhenanus*, que na tradução literal significa guarda do rio, subentendendo-se o Rio Reno da Alemanha, que seguidas vezes é mencionado em seus textos.

De seus poemas localizamos apenas três, *Nach der Schlacht* (1916), cujo tema central é a Primeira Guerra Mundial, *Zur Jahrhundertfeier* (1922), uma homenagem à Festa do Centenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, e *Weihnacht* (1918), uma mensagem de Natal.

Desses, apresentaremos *Nach der Schlacht*, uma homenagem do poeta aos soldados que perderam suas vidas em combate durante a Primeira Guerra Mundial, destacando-os como heróis diante da nação.

### Nach der Schlacht.

Vorbei die Schlacht. Der Abend senkt  
sich auf die Walstatt nieder.  
Der Boden ist mit Blut getränkt,  
mit Herzblut uns'rer Brüder.  
Gedankenschwer reit' ich allein  
vorbei an Schübengräben:  
Da liegen sie in langen Reih'n,  
die froh ihr Blut gegeben.  
Sie fochten mannhaft bis zulebt:  
Gieg oder Tod! — Da flutet  
die Uebermacht heran und jebt  
manch junges Herz verblutet.  
Ruht sanft, ihr Mackern! Euer Blut  
ist nicht umsonst geflossen!  
Ihr strittet für das höchste Gut  
siegessfreudig und entschlossen.  
Nun ist's vorbei; ihr liegt kalt  
und bleich in Schübengräben:  
der grimme Tod gebot euch halt!  
fahrt wohl zum ew'gen Leben!

So halt' ich lang am Waldessaum:  
hör in der Luft ein Klingen,  
als wollte jeder Strauch und Baum  
die Totenklage singen.  
Waldvöglein hör' ich zart und fein  
um all die Helden klagen;  
ihr Sang bringt tief ins Herz hinein;  
ich fühl' es zitternd schlagen.  
Die Buchen rauschen schwermutvoll  
wie ernstes grabesläuten;  
ich lausch' und weiss nicht, wie ich soll  
mir ihre Weise deuten.  
Doch dann hab' ich mich aufgerafft,  
wohl ernst; doch sonder Zagen;  
ein Volk, das solche Helden schafft,  
kann auch das Schwerste tragen!  
Und lassen viele tausend heut  
fürs Vaterland ihr Leben,  
wird doch, der auch dem Krieg gebeut,  
den Sieg uns Deutschen geben!

C a n d e l a r i a, im September 1916 Gaudens Rhenanus.

### Depois da Batalha.

A batalha acabou. A noite cai  
sobre o lugar sagrado.  
A terra está regada de sangue,  
o sangue sagrado de nossos irmãos.  
Sozinho cavalgo meus pesares  
pelas beiras das valas de combate,  
Lá estão eles estendidos em longas fileiras,  
aqueles que com orgulho deram seu sangue.  
Lutaram heroicamente até o fim:  
Vitória ou morte! — Ali reinava  
a supremacia plena e agora  
muitos corações jovens esvaídos em sangue.  
Descansem em paz, heróis! Vosso sangue  
não verteu em vão!  
Vocês lutaram pelo maior bem  
felizes e certos da vitória.  
Agora acabou; seus corpos frios  
e pálidos, deitados em valas de combate:  
a violenta morte vos obrigou a parar!  
sigam à eternidade em paz!  
Assim demorei-me à encosta da mata:  
ouvi um repicar ao vento,  
como se cada arbusto e árvore  
quisessem cantar a dor da morte.  
Ouço o suave e doce canto dos pássaros  
uma homenagem a todos os heróis;  
seu canto toca fundo no coração;  
sinto sua trêmula batida.  
As faias sussurram pesarosamente  
como sinos que anunciam a morte;  
eu ouço e não sei, como posso  
identificar seu canto.  
Mas então me recompus,  
cheio de seriedade; mas sem dúvidas,  
um povo, que concebe estes heróis,  
pode também suportar a mais pesada dor!  
E muitos milhares hoje  
deixam suas vidas pela Pátria,  
quisera, aquele que a guerra desejou,  
dar a vitória a nós alemães!

E *Zur Jahrhundertfeier*, poema que além de revelar uma forte presença de saudosismo pela terra natal, apresenta o reconhecimento ao país e ao povo que recebeu e abrigou os imigrantes alemães.

Estes versos desmentem qualquer pensamento que se refira ao alemão como um ser individualista e que rejeitava a idéia de se integrar à sociedade brasileira. Ao contrário, mostra um povo que não só aprendeu a amar a nova pátria, como também desejava que ela brilhasse entre as nações.

### Zur Jahrhundertfeier.

1822 – 1922

Vor etwas mehr als einunddreissig Jahren,  
Die Segel mut und hoffnungsvoll geschwelt.  
Kam ich als Jüngling übers Meer gefahren  
In eine neue zauebervolle Welt.

[Abschiedsschmerzen

Das Herz noch schwer von bitterm  
- Denn wer empfindet nicht ein herbes Weh,  
Wenn er sich losreißt von geliebten Herzen? -  
Ging's zagend und doch hoffend über See.

Welch' prächt'ge Meerfahrt! Drunten grüne Wogen  
Von günst'gem Wind die Segel sanftgeschwelt;  
Die Sonne klar am blauen Himmelsogen - -  
Wie herrlich schien mir da die neue Welt!

Nach langer Fahrt lag dann, kaum schon vermutet  
Das Sehnsuchtsland vor mir mit seiner Pracht,  
Ein Land von Himmelslicht und luft durchflutet,  
Ein Land, wie's keine Phantasie erdacht.

Wie mild die Luft! Wie klar des Himmels bläue!  
Wie stolz die Palmen auf den Hügeln stehn!  
Das Blau des Himmels spricht von Gottes Treue,  
Das Grün der Palmen weist auf Hoffnungshöh'n.

Still ward ich, staunend ob des Schönen,  
Das Gott auf dieses Land herabgestreut.  
Wie bald wird sich mein Herz na dich gewöhnen!  
Wie hoffnungsfroh schlägt es für dich schon heut!

So dachte ich; und so ist's auch geworden:  
Nur ward dies goldne Neuland lieb und wert.  
Wohl wendet sich mein Blick noch oft nach Norden,  
-- Das Vaterland bleibt einmal Heimatserd'.

Und mancher Seufzer während nächt'ger Stunden,  
Da mir was fehlte am erträumten Glück,  
Hat schon aus meiner Brust den Weg gefunden;  
Doch keiner bringt die Heimat mir zurück.

So sei es drum! Schon mehr als drei Jahrzehnte  
Sah ich nicht mehr mein Vaterhaus am Rhein;  
Wie auch mein Herz sich nach "zu Hause" sehnte,  
Das Schicksal sprach: "Es hat nicht sollen sein!"

Doch um so inniger wuchs in mir die Liebe  
Zu dir empor, mein teures Land Brasil!  
Zu dir, weid aus der alten Welt Getriebe,  
Verschlug mich meines Lebensschiffleins Kiel.

Ich fand mein Daseinsglück hier in der Ferne.  
Und schau ich abends still zum Himmel auf,  
So dank ich fröhlich jenem Schicksalsterne,  
Der hierher lenkte meinen Lebenslauf.

Drum mein Brasil, so nimm auch meine Gabe  
Wo all die Deinen Dir glückwünschend nah'n;  
Es ist nicht viel, was ich zu bieten habe;  
Nur eine Bitte send' ich himmeland:

Bleib aufrecht stehn' im groben Völkerkreise,  
Des Volkes Wohl sei stets dein höchstes Ziel!  
Und zu der zweiten Hundertfahres reise  
Glück auf Glück duf! Mein teures Land Brasil!

Glück auf, mein Land, wie kaines fast gesegnet  
Aus Gottes überreicher Vaterhand!  
Ob Gutes oder Böses dir begegnet,  
Wir steh'n zu dir, du herrlich Wunderland.

7. Sept. 1922 Gaudens Rhenanus.

**Para a festa do Centenário.**  
1822 – 1922

Há pouco mais de trinta e um anos,  
As velas encheram-se de coragem e esperança.  
Vinha eu jovem atravessando o mar  
Para um novo e encantador mundo.

O coração ainda pesado do amargo da despedida  
- Então quem não sente uma forte dor,  
Quando se separa de corações amados? -  
Seguia sobre o mar, tímido porém esperançoso.

Que viagem maravilhosa!  
As velas se enchiam do vento favorável;  
O sol brilhava claro no firmamento - -  
Quão divino me pareceu o novo mundo!

Depois de longa viagem, já surgia diante de mim  
A tão saudosa terra com seu resplendor,  
Uma terra de luz celestial e inundada pela brisa,  
Uma terra, que fantasia nenhuma jamais inventou.

Quão agradável o ar! Que claro o azul do céu!  
Que majestosas as palmeiras sobre as colinas!  
O azul do céu falava da sinceridade de Deus,  
O verde das palmeiras apontava grandes esperanças.

Eu estava em silêncio, admirado com a beleza,  
Que Deus semeou sobre esta terra.  
Quão rápido meu coração se acostumará contigo!  
Quão esperançoso e feliz ele já bate por ti hoje!

Assim pensei; e assim aconteceu:  
Agora esta nova terra dourada era amada e valiosa.  
Mas às vezes meu olhar ainda se dirigia para o norte,  
- A pátria ainda continua a terra natal.

E muitos suspiros durante horas da noite,  
Por me faltar algo para a tão desejada sorte,  
Do meu peito já encontraram o caminho;  
Ninguém me devolverá à minha Pátria

Que seja assim! Já há mais de três décadas  
 Não vejo minha pátria às margens do Reno;  
 Assim como meu coração anseia pelo caminho "de casa",  
 O destino falou: "não era pra acontecer"!

Contudo cresceu em mim o amor  
 Por esta terra, meu querido país Brasil!  
 Para ti, longe do movimento do velho mundo,  
 Levou-me o meu pequeno navio.

Eu senti o prazer da vida aqui ao longe.  
 E à noite olho para o céu em silêncio,  
 Assim agradeço feliz a cada estrela do meu destino,  
 Que para cá guiou a minha vida.

Portanto, meu Brasil, aceita minha contribuição  
 Onde todos os teus se congratulam;  
 Não é muito, o que tenho para oferecer:  
 Somente um pedido faço aos céus:

Fique de pé em meio às grandes Nações,  
 Que o bem-estar do povo seja a tua mais alta meta!  
 E para a viagem do segundo centenário  
 Sempre sorte! Sempre sorte! Meu caro Brasil!

Boa sorte, meu país, como nenhum fora abençoado  
 Pela mão divina do Senhor!  
 Se o bem ou o mal te encontrarem,  
 Estaremos a teu lado, adorada terra.

### Conclusão

Concluir um trabalho, ou uma pesquisa no nosso caso, dificilmente será finalizá-lo por completo, pois haverá sempre algo que possa ser acrescentado. A poesia da imigração em Santa Cruz do Sul, por exemplo, é um campo praticamente inexplorado apesar das muitas fontes de pesquisa disponíveis, em especial no Arquivo Histórico do município. Gostaríamos de ter a certeza de que este é apenas o início de uma infinidade de trabalhos possíveis de serem realizados sobre o referido assunto, dada a importância que a literatura representa, tanto na reconstrução de fatos históricos,

como na identificação cultural de um povo, ou de uma região.

Todo caminho apresenta obstáculos, e o nosso caso não poderia ser diferente. Ao apresentar nosso trabalho, mencionamos nossa constatação referente ao notável desinteresse por tudo que trata da cultura alemã, ou melhor, da língua alemã. Contudo, não encontramos nenhuma justificativa plausível para este fato. Essa, ou pelo menos parte dela, pode estar na dificuldade que a própria língua oferece, mais ainda se considerarmos que praticamente todos os textos literários produzidos nas primeiras décadas da imigração alemã estão no alfabeto gótico, o que, para a maioria da população, é um grande problema, uma vez que pouquíssimas são as pessoas que o dominam. Assim, concluímos que esse desinteresse pode estar ligado à grande dificuldade da maioria das pessoas, mesmo das que dominam o idioma alemão, em traduzir os poemas aqui apresentados. Tínhamos inicialmente a fixa idéia de que a poesia de imigrantes germânicos só poderia falar do saudosismo da terra natal ou de fatos ligados à realidade de seu país de origem. Todavia esse conceito foi mudando à medida que localizávamos e traduzíamos os seus textos. Hoje podemos afirmar com toda certeza que este povo amou o Brasil tanto, ou talvez até mais, do que a sua terra mãe.

Como última consideração, gostaríamos de fazer menção aos comentários que se ouve com relação aos pioneiros da nossa região. Alguns são de reconhecimento; outros tantos são marcados pela indiferença e até pelo desprezo. A verdade é que os alemães, como já apresentado anteriormente e agora comprovado também pelas poesias aqui apresentadas, não só contribuíram na formação cultural dos brasileiros, como ainda trabalharam para o crescimento e desenvolvimento desta nação, muitas vezes dedicando as suas próprias vidas.

### Bibliografia

- ASSIS, Valesca de. *A valsa da Medusa*. Porto Alegre: Movimento, 1989.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. *A imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870*. Porto Alegre: Sulina, 1987.
- FLORES, Hilda A. H. *Canção dos imigrantes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia/Universidade de Caxias do Sul, 1983.



- FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil, 1808-1924-1974*. Trad. de Guido Pabst. São Paulo: Inst. Hans Staden, 1974.
- GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo I: tempo de solidão*. 9. ed. Porto Alegre: L & PM, 1991.
- JOHANN, Ernst e JUNKER, Jörg. *História de la cultura alemana de los últimos cien años*. Munich: Nympherburger Verlangshandlung, 1970.
- KLEIN, Claude. *Weimar*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1995.
- MARTIN, Hardi Elmiro. *Santa Cruz do Sul: de colônia à freguesia 1849 - 1859*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.
- MEYER, Otto. *Der Deutsche Kolonist*. In: Verband Deutscher Vereine. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1924. p. 376 e 377.
- \_\_\_\_\_. *Der fall Eickhoff*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1949.
- \_\_\_\_\_. *Prolog*. In: Gesangvereine: Liedertafel. *50 Jahre Gesangvereine - Liedertafel: 1887-1937*. Santa Cruz do Sul: Litografia Miramar, 1937. p. 3.
- \_\_\_\_\_. *Widmung*. In: Verband Deutscher Vereine. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1924. p. 375.
- MORAES, Carlos de Souza. *O colono alemão*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- MÜLLER, Telmo L. *Colônia alemã: histórias e memórias*. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- NATORP, Gustav. *Nach Der Schlacht*. Kolonie, Santa Cruz do Sul, 20 set. 1916. p. 1.
- \_\_\_\_\_. *Weihnacht*. Die Neue Zeit, Candelária, — dez. 1928. p. 36.
- \_\_\_\_\_. *Zur Jahrhundertfeier*. Kolonie, Santa Cruz do Sul, 7 set. 1922. p. 1.

- PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Gráfica Santa Terezinha, 1934.
- Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul. *Centenário de Santa Cruz do Sul: 1878-1978*. Porto Alegre: Ed. Edel, s.d.
- RADÜNZ, Roberto. *Do poder de Deus depende*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1996.
- RAMBO, Arthur Blásio. *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994.
- RAMBO, Balduino, Pe. *A imigração alemã no Rio Grande do Sul: 1824-1914*. - - [ S. l. : s. n. ], 19—.
- ROTERMUND, Fritz. *25 de julho de 1824*. Trad. e compl. por Bruno Born. São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de julho, 1964.
- SAUER, Franz. *Ueberschwemmung*. In: Verband Deutscher Vereine. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1924. p. 387 a 389.
- \_\_\_\_\_. *Wo Deutschland Liegt*. Kolonie, Santa Cruz do Sul, 9 abr. 1915. p. 1.
- SCHREINER, Renate. *Entre ficção e realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado, Santa Cruz do Sul: FATES, UNISC, 1996.
- SPALDING, Walter. *Wilhelm Georg Süffert, poeta, jornalista e regionalista do RGS*. Gazeta do Sul, Santa Cruz do Sul, 2 nov. 1968. p. —.
- SÜFFERT, Wilhelm. *Böse buben*. In: Verband Deutscher Vereine. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1924. p. 376 e 377.
- \_\_\_\_\_. *Der Deutsche Tag*. In: Verband Deutscher Vereine. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1924. p. 395.
- \_\_\_\_\_. *Hans und Hugo*. Fortschritt, Santa Cruz do Sul, 23 jan. 1904. p. 3.
- \_\_\_\_\_. *Zum 15. November*. Fortschritt, Santa Cruz do Sul, 19 nov. 1902. p. 1.